

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil  
20 a 22 de setembro de 2012

**UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM:  
O PROCESSO DA REFERENCIAÇÃO COMO ESTRATÉGIA  
PARA A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO**

Geralda de Oliveira Santos Lima<sup>i</sup>  
Lorena Gomes Freitas de Castro<sup>ii</sup>  
Thiago Gonçalves Cardoso<sup>iii</sup>

**Eixo temático:** Estudos da linguagem

**Resumo**

Neste trabalho, apresentamos uma discussão envolvendo questões de linguagem, de texto e de referenciação. O interesse pelos estudos desses fenômenos vem sendo intensificado e discutido sob uma nova perspectiva ao longo dos últimos vinte anos. A Linguística de Texto tem adotado o pressuposto de que o processamento do texto acontece *on-line* (KOCH, 2008), já que é visto, em consonância com Cavalcante *et al* (2010), Bentes *et al* (2010), Marcuschi (2008), Mondada e Dubois ([1995] 2003), Hanks (2008), e outros, como processo, atividade discursiva, práticas sociocognitivo-interacionais. Nosso propósito é discutir acerca do uso de estratégias de referenciação na construção dos sentidos do texto/discurso no ensino da língua materna. Por meio da análise, podemos constatar que as expressões referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas relevantes que podem ser aplicadas na sala de aula.

**Palavras-chave:** Linguagem; referenciação; texto.

**Abstract**

In this work, we present a discussion involving questions of language, text and referral. The interest in studying these phenomena has been intensified and discussed from a new perspective over the last twenty years. Text Linguistics has adopted the assumption that the processing of the text happens online (KOCH, 2008), as is seen in line with Cavalcante *et al* (2010), Bentes *et al* (2010), Marcuschi (2008), Mondada and Dubois ([1995] 2003), Hanks (2008), and others, as a process, the discursive, social cognitive-interactional practices. Our purpose is to discuss about the use of referral strategies in the construction of the meanings of the text/discourse in mother tongue teaching. Through analysis, we note that the referring

expression play a number of cognitive-discourse functions relevant that can be applied in the class room.

**Keywords:** Language; referral; text

## **1 Introdução**

Apresentamos, em um primeiro momento, uma discussão envolvendo questões de linguagem, de texto e de referenciação, que subjazem à maioria das propostas analítico-descritivas em Linguística de Texto (LT), já que essa disciplina tem assumido importância e dimensões consideráveis, em âmbito multidisciplinar. Assim é que a LT não se furta de dialogar com outras correntes teóricas como a Psicologia Cognitiva e Social, a Filosofia da linguagem, a Antropologia, a Semântica Argumentativa, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação, a Literatura, as Ciências da Cognição, a Ciência da Computação, entre outras contribuições que lhe vão dando feição tão particular no século atual. Em um segundo momento, focalizamos algumas estratégias de referenciação, cujo propósito é apresentar alguns resultados parciais obtidos com a pesquisa em andamento “Texto e ensino: um domínio multidisciplinar” (Projeto de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq - 2011/2012), realizada com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da rede pública estadual, procurando mostrar que no processo de leitura/escritura, as estratégias de referenciação influenciam na apreensão/interpretação e construção textual dos sentidos. Para isso trabalhamos com diversidades de gêneros, a fim de desenvolver nesses alunos a sua competência linguístico-discursiva.

Com isso, demonstramos que o estudo da referenciação é essencialmente sociocognitivo e interacional. De um lado, o aspecto social põe em relevo a necessidade de se analisar os referentes linguístico-textuais, envolvendo as expressões referenciais, sobretudo, as anáforas recategorizadoras na construção dos sentidos do texto/discurso, sob o foco de fatores sociais que interferem na configuração textual. Por outro, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, no sentido de que os sujeitos selecionam formas de atuar sobre suas práticas discursivas, utilizando para tanto o conhecimento proveniente de seu conhecimento prévio. Partimos, assim, de uma concepção de texto como lugar de interação entre sujeitos sociais e de construção interacional de sentidos (KOCH, 2003), tal como postulado pela Linguística Textual.

As bases teórico-analíticas que fundamentam esta pesquisa são os estudos de Cavalcante (2011) Mondada e Dubois ([1995] 2003), Koch (2000; 2008), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante *et al* (2010), Van Dijk (2004), Marcuschi (2005; 2007; 2008), Bentes *et al* (2010), Apothéloz ([1995] 2003), entre outros. Esses pesquisadores têm procurado discutir questões de ordem social e cognitiva, envolvendo, sobretudo, temas como os da referenciação. Este novo enfoque tem representado um notável avanço nas propostas de ensino da linguagem. O texto é visto, pois, no interior dessa nova perspectiva, como uma unidade funcional que não somente permite a interação, como também viabiliza diversas formas de representar o mundo, de transformá-lo e de se reconstruir a partir dessa dinâmica de interação discursiva.

## **2 Linguagem, texto e referenciação**

Em consonância com alguns estudiosos do texto, um dos maiores desafios para as ciências humanas tem sido tratar da questão da linguagem, em especial, a linguagem verbal, questão esta que não pode deixar de estar presente e de se transformar em um desafio no domínio da leitura e da escrita (estudos do texto/discurso). Emprega-se, frequentemente, a palavra linguagem para falar, em geral, do processo de comunicação. Por isso, é muito importante sempre mostrar com que noção de linguagem, de língua, de texto, de discurso e de sujeito se trabalha (Koch, 2002). Para tanto, temos como ponto de partida de nossas reflexões sobre o diálogo, que pode ser estabelecido entre esses grandes temas, a concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, que

permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. Da mesma forma, ele não saberia como constituir comunidades de indivíduos em torno de um 'desejo de viver juntos'. A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem. Mas esse poder não cai do céu. São os homens que o constroem, que o amoldam através de suas trocas, seus contatos ao longo da história dos povos (CHARAUDEAU, 2008, p. 7).

Dentro dessa dinâmica discursiva, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como “nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural” (KOCH, 2002, p. 31). Ao se pensar questões de linguagem, podemos vê-la como uma atividade, como uma prática social, como um trabalho entre sujeitos que, através desse processo, organizam, interpretam e dão forma a suas experiências e à realidade em que vivem. A linguagem é, pois, tudo aquilo que permite a comunicação entre os homens.

Segundo opinião de Marcuschi (2005), a produção de categorias seria uma atividade sociocognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento. Dentro dessa visão, é possível se observar que, no comum, os usuários de uma língua designam eventos, indivíduos, objetos físicos com nomes que, no geral, são compartilhados pela comunidade que os usa, pois todos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Dessa forma, as categorias são muito mais modelos socioculturais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de construção e reconstrução, interativamente, do discurso. Nesse sentido, não se toma a língua em termos de um sistema, mas de uma ação social.

Conforme essa concepção de linguagem como atividade interacional, Koch (2002) postula que a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam seus saberes, tanto de ordem linguística, como de ordem sociocognitiva. A língua é vista aqui como uma atividade social, uma prática coletiva realizada por todos os seus falantes. Sendo assim, a linguagem tem tanto uma dimensão individual e subjetiva, quanto uma dimensão coletiva e histórica. Nessa perspectiva, o sujeito é visto não só como um ser possuidor de inteligência, de estruturas cognitivas, mas também um sujeito social que juntamente com outros constroem os referentes textuais (objetos, coisas, entidades) que são tomados como elementos que se constituem no discurso.

Sob tal perspectiva, o texto/discurso deve ser entendido como uma atividade que envolve tanto elementos linguísticos como sociocognitivos. Para Koch (2000), o texto é também considerado como um conjunto de “pistas” que são formadas por recursos linguísticos de diversos tipos. Estes são colocados à disposição dos usuários da língua, durante uma atividade sociodiscursiva, de modo a lhes facilitar não só a construção de sentidos, mas também a interação como prática sociocultural e cognitiva.

Nesse sentido, os textos são construções coletivas, compartilhadas. No interior dessa abordagem, a Linguística tem procurado apresentar, a partir das últimas décadas, nas suas diferentes vertentes e abordagens, propostas não só para a descrição e explicação da língua, como também para a descrição do processo de ensino/aprendizagem, em que a linguagem passou a ser concebida como uma forma de agir em sociedade e de atividade de interação discursiva no processo de construção do fenômeno textual. E para tratar de relações que podem ser estabelecidas entre as estratégias referenciais no processo de construção dos sentidos do texto/discurso, propomos, no tópico a seguir, uma pequena discussão sobre aspectos básicos envolvidos nas reflexões teórico-analíticas da referenciação.

### **3 Referente e expressão referencial**

Nas pesquisas atuais acerca da questão da referenciação, muitos pesquisadores têm adotado a perspectiva de que os referentes, a que, Mondada e Dubois ([1995] 2003) preferem chamar de objetos de discurso, são representações instáveis, constantemente reformuláveis, e não entidades da realidade preexistente à interação. Assim, os referentes são, nessa perspectiva, construídos e reconstruídos de forma conjunta, negociada, na interação entre enunciadore e coenunciadore em atividades de linguagem. Portanto, eles são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. Realizam-se por meio de expressões referenciais. No fragmento abaixo, é possível percebermos a presença de alguns referentes (objetos de discurso), algumas entidades que se manifestam no texto, e para os quais construímos representações originadas do processo de leitura. Verifiquemos os referentes que aparecem, com as expressões referenciais correspondentes, vejamos:

- (1) **Minhas colegas de escola da mesma idade**, sem saber de nada, também me diziam que **elas** eram assim porque não comiam **feijão** e tomavam **muito leite**. A partir **daquele dia** simplesmente comecei a detestar **feijão** [...]. (Fonte: CNS).

Mediante o exposto, já percebemos que para a construção desse texto o seu produtor precisou lançar mão de recursos linguísticos que lhe permitiram nomear os objetos que (re)elaborou durante o seu processo de construção dos sentidos do texto e/ou discurso. Podemos dizer, em outras palavras, que, para estabelecer os referentes (ou objetos necessários à coerência textual), o autor do texto se utilizou das expressões referenciais “Minhas colegas

de escola da mesma idade”, “elas”, “feijão”, “muito leite”, “daquele dia”, que são recursos linguísticos, que manifestam os referentes no cotexto. Em outras palavras, realizamos o processo da referenciação. Portanto, esse processo diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos-de-discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. No texto em questão, um exemplo de referente seria “Minhas colegas de escola da mesma idade”. As diversas expressões (em negrito) que são utilizadas nesse texto, são as expressões referenciais.

Dessa forma, o referente é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na grande maioria das vezes, a partir do uso dessas expressões. Como podemos observar, os referentes remetem a expressões nominais, noções que, quando são elaboradas, linguisticamente, têm natureza substantiva. Por isso é que as expressões referenciais são, geralmente, sintagmas nominais (palavras ou grupos de palavras cujo núcleo é um substantivo ou um pronome substantivo). O uso de recursos linguísticos não acontece à toa; ao contrário, esses recursos desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas importantes na tessitura do texto. Eles exercem funções discursivas que podem servir para organizar, argumentar, introduzir novas informações, entre outras possibilidades.

Como se pode ver, o autor do texto (1) decidiu contar sua história pessoal, envolvendo marcas cristalizadas em sua memória, deixadas por questões de preconceito (Eu sou negra e a escola onde eu sempre estudei era considerada uma escola de alto nível [...], eu sempre tive uma vida confortável e com o tempo fui percebendo que era uma das poucas crianças negras da escola, e comecei a me revoltar). O sujeito do discurso conta (em seu texto) situações vividas em processos de aprendizagem; conta o que viveu quando ainda era criança ([...] eu, criança, tempo de escola, [...] chegava em casa e perguntava a minha mãe por que eu era de cor e ela sempre me explicava que era coisa de genética mas aquilo não entrava na minha cabeça [...]), a fim de registrar lições de vida para outras pessoas. Além de valorizar nossas práticas culturais, nossas próprias crenças e as dos grupos com os quais convivemos.

Ao contar e/ou ler histórias de vida, o indivíduo aprende a criar e reconhecer realidades singulares feitas pela linguagem. Apesar de uma história nunca ser igual a outra, todas têm um ponto em comum, isto é, ao serem contadas ou lidas ganham vida por meio do uso da linguagem. A história de vida apresentada acima, em 1, foi reconstruída a partir de lembranças pessoais do sujeito/autor. Recordar não é trazer o passado tal como ele foi, mas reconstruí-lo, reativá-lo. Para Van Dijk (2004), os modelos mentais são parcialmente fabricados a partir do conhecimento pessoal existente. Eles são registros episódicos de nossas experiências pessoais, partilhadas com outros membros da sociedade. Essas experiências

podem ser diretas ou imediatas, como na participação de eventos ou ações (atividades de linguagem) ou como na interpretação do discurso em que são adquiridos conhecimentos sobre uma dada situação a partir de prévios eventos sociais. Isso se confirma quando Koch (2002) postula que os modelos são estruturas complexas de conhecimento que representam as experiências vivenciadas em sociedade e que servem de base aos processos conceituais. Vejamos outro fragmento do texto em análise:

(2) Minha mãe me obrigava de todos os jeitos a comer [feijão], mas eu chorava, vomitava e dizia que estava passando mal. Com o tempo eu vi que **aquilo** não estava funcionando e ficava pelos cantos chorando. Minha mãe percebeu que eu não estava bem, já estava ficando fraca e bebia leite desesperadamente. Então ela começou a conversar comigo e eu disse o que minhas colegas haviam dito e ela me disse que **tudo aquilo** era besteira, que eu devia me orgulhar de ser negra. (Fonte: CNS)

As expressões nominais “aquilo” e “tudo aquilo”, no texto acima (2), ativam referentes novos que sumarizam as informações precedentes, ou melhor, remetem ao contexto sociodiscursivo; ancoram nas informações-suportes que, de certo modo, rotulam uma parte do cotexto que as precede ou que as segue. Por isso sua interpretação exige do leitor operações mais sofisticadas de ordem conceitual (KOCH; ELIAS, 2007). Esses recursos linguísticos (“aquilo” e “tudo aquilo”) permitem ao sujeito fazer uma série de inferências no curso do processamento textual, assim como em várias situações nas práticas sociais.

Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados. É, pois, muito importante que isso fique claro, pois esse é o principal pressuposto da referenciação: os eventos, os fatos, os acontecimentos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, nem estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido. Veja-se, por exemplo, a ocorrência de anáforas correferenciais grifadas no fragmento a seguir:

(3) Ela [minha mãe] começou a falar **as histórias de negros batalhadores** que ela conhecia, mesmo sendo branca, ela me falava tão deslumbrada **das histórias dos negros** que eu fiquei tão feliz de ser negra com **a linda história dos meus antepassados**. Podendo carregá-las comigo para todo lugar. Ninguém pode arrancar **isso de mim**. Naquele dia eu

pensei em me espelhar na minha mãe na forma dela de educar, de viver e batalhar, e graças a ela honro muito **a minha cor**.(Fonte: CNS).

Na produção desse texto (3), verifica-se, por exemplo, que o autor/produtor menciona, entre outras, estas expressões referenciais: “as histórias de negros batalhadores”, “(d)as histórias dos negros”, “a linda história dos meus antepassados”, as quais vão contribuir para a tessitura do texto, isto é, para a construção e reconstrução dos sentidos. Essas expressões linguísticas trazem informações importantes, opiniões, pontos de vista ([...] “ela me falava tão deslumbrada das histórias dos negros que eu fiquei tão feliz de ser negra com a linda história dos meus antepassados”), atitudes (“Naquele dia eu pensei em me espelhar na minha mãe na forma dela de educar, de viver e batalhar, e graças a ela honro muito a minha cor”), propósitos comunicativos a respeito da temática abordada. O referente “as histórias de negros batalhadores” depois de introduzido, pelo autor do texto (3), é retomado pelas expressões anafóricas “(d)as histórias dos negros” e “a linda história dos meus antepassados”. Essas formas nominais constituem uma cadeia de recursos coesivos dos mais produtivos na construção da textualidade, ou melhor, na construção do ponto de vista argumentativo do autor.

Como vemos, para introduzir os referentes no texto, o produtor empregou formas linguísticas necessárias à construção dos sentidos, mencionando os objetos de discurso no cotexto, que vão auxiliá-lo na progressão referencial do texto, atuando diretamente na organização de informações-suporte, coerentes e coesas, acionadas pelo autor no momento da interação não só com os recursos linguísticos, como também com o social, o cognitivo e o cultural, que irão contribuir para a orientação argumentativa dos sentidos do texto. Os processos de nomeação e de referenciação são complexos, por isso precisam ser analisados nas atividades sociocognitivo-interacionais, visto que as formas de referenciação são escolhas realizadas pelos interlocutores do texto/discurso orientadas intersubjetivamente, motivo pelo qual os sentidos são construídos e reconstruídos ao longo da continuidade do texto.

Para terminar este tópico, é preciso destacar a relevância dos referentes e das expressões referenciais para a produção/compreensão de textos, ou melhor, para o ensino da leitura e da escrita. Os referentes “jogam” em diversas posições, dentre as quais destacamos: o papel na organização da informação; a atuação na manutenção da continuidade e progressão do tópico discursivo; a participação na orientação argumentativa do texto. A nosso ver, o referente e as expressões referenciais, que diz respeito à referenciação e à progressão textual estão profundamente enraizados na dinâmica sociocognitiva e discursiva da interação.



Como se pode ver, essa visão permite compreender a linguagem como forma de ação no mundo, que resulta de uma série de outras ações mais simples, conjuntas e organizadas hierarquicamente, formando, assim, etapas de uma ação central.

#### **4 Considerações finais**

Com esta pesquisa, pretendemos dar uma pequena contribuição para o campo dos estudos da referenciação no Brasil, levando-se em consideração, justamente, a construção dos sentidos de textos, utilizando-se das estratégias referenciais. Assim, a consulta a fontes especializadas e à articulação entre concepções de linguagem, texto e referenciação constitui o alicerce teórico desta investigação.

Finalmente, queremos dizer que a pesquisa continua em aberto, e que as questões em análise são muitas e importantes. Na nossa vida acadêmica, vamos continuar, em outros trabalhos e momentos, investigando, pesquisando, sobre o processo de referenciação, já que a nossa proposta ainda carece de observações, reflexões e muito estudo, no entanto, esperamos que o que dissemos e mostramos aqui possa ser útil para o desenvolvimento de outras análises a serem produzidas, executadas, neste campo de investigação.

#### **Referências**

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Org). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84. (Clássicos da Linguística).

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos de texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto 2008.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin; organização** Anna C. Bentes, Renato C. Rezende, Marco A. R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual: uma entrevista com Ingedore Villaça Koch*. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. – ReVEL. Vol. 1, n.1, agosto de 2003. ISSN 1678 – 8931 [WWW.revel.inf.br].

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. Delta, n. 14, p. 169-90, 1998.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Clássicos da Linguística).

\_\_\_\_\_. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2007

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação**. Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Linguística).

---

<sup>i</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde 1998. Membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino; orienta os projetos “Texto e ensino: um domínio multidisciplinar” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq (2011-2012) e “A contribuição dos estudos do texto no processo ensino-aprendizagem”, vinculado ao Programa de Inclusão à Iniciação Científica (PIIC) – COPEs/UFS (2011-2012); integrante do Grupo de Trabalho da ANPOLL: Linguística Textual e Análise da Conversação (GTLTAC) e atua nas áreas de Linguística do Texto e do Discurso, Linguística Aplicada e Sociolinguística.

[geraldalima.ufs@gmail.com](mailto:geraldalima.ufs@gmail.com)

<sup>ii</sup> Graduanda do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; aluna/pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/ CNPq (2011 – 2012); vinculada ao projeto "Texto e ensino: um domínio multidisciplinar"; membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino.

[lorenna.gfc@gmail.com](mailto:lorenna.gfc@gmail.com)

---

<sup>iii</sup> Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; aluno/pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/ CNPq (2011 – 2012); vinculado ao projeto "Texto e ensino: um domínio multidisciplinar"; membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino.  
[thiago-tche@hotmail.com](mailto:thiago-tche@hotmail.com)